



**DAS RUAS ÀS REDES SOCIAIS: A MOBILIZAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS  
E ESTUDANTIS EM PERÍODO DE ISOLAMENTO**

***From streets to social networks: mobilizing social and student movements  
in the period of isolation***

**Anna Beatriz Ramos Dias**

Mestranda em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande - PPGCS/UFCCG; Graduada em Ciências Sociais - licenciatura pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Email: [ramoxbeatriz@gmail.com](mailto:ramoxbeatriz@gmail.com)

**Raphaella Ferreira Mendes**

Mestra em Ciências Sociais no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande - PPGCS/UFCCG; Graduada em Ciências Sociais - licenciatura pela Universidade Federal da Paraíba, Brasil.

Email: [raphaellaffm@gmail.com](mailto:raphaellaffm@gmail.com)

**Áltera**, João Pessoa, v. 2, n. 10 – Número Especial, p.170-177, outubro 2020

ISSN 2447-9837

**RESUMO:**

Este ensaio tem como objetivo abordar a atuação dos movimentos sociais no período pandêmico do novo coronavírus. Elaborando um recorte específico no uso das ferramentas digitais e no engajamento do ativismo político de jovens através das redes sociais, utilizados pelo movimento estudantil em atos virtuais. Partindo de uma reflexão socioantropológica enquanto pesquisadoras no campo da juventude e dos movimentos sociais, percebemos a internet como um meio de organização desses movimentos. Promovendo *ciberespaços* para a mobilização dos militantes, os movimentos que antes ocupavam as ruas, hoje ocupam as redes sociais e disputam o campo virtual.

**PALAVRAS-CHAVE:**

Movimentos Sociais. Isolamento social. Ciberespaços.

**ABSTRACT:**

This essay aims to address the role of social movements in the pandemic period of the new coronavirus. Elaborating a specific cut in the use of digital tools and in the engagement of political activism of young people through social networks, used by the student movement in virtual acts. Starting from a socio-anthropological reflection as researchers in the field of youth and social movements, we perceive the internet as a means of organizing these movements. Promoting cyberspace for the mobilization of militants, the movements that previously occupied the streets, now occupy social networks and compete in the virtual field.

**KEYWORDS:**

Social movements. Social isolation. Cyberspace.



## INTRODUÇÃO

Escrever sobre movimentos sociais em meio à pandemia do novo coronavírus é desafiador, no sentido de pensar e refletir sobre os desafios enfrentados e as estratégias usadas por esse setor nesse período de isolamento social. A suspensão das atividades acadêmicas presenciais, como uma das medidas adotadas nesse período, retira o campo da instituição de ensino como *locus* de mobilização presencial, consequentemente, a possibilidade de uma atuação mais próxima junto ao corpo estudantil. Nesse contexto, os movimentos sociais, que historicamente utilizam a rua como palco de reivindicação, adaptam suas estratégias para os espaços virtuais.

Ao pensar esse campo sob o olhar antropológico, Ferraz (2019) nos alerta que não podemos desprezar a condição digital no contexto da cultura contemporânea, fazendo-se em diversas esferas das relações sociais, apresentando-se também como objeto de pesquisa. Se ignorarmos esse fenômeno social evidente em nossa era, “tornam-se percíveis os métodos antropológicos tradicionais, por supostamente não darem conta de explicar as culturas intoxicadas pelas tecnologias nas relações sociais e materiais” (FERRAZ, 2019, p. 48).

Devido a isso, decidimos dissertar neste ensaio/reflexão um apanhado de discussões fruto de nosso contato com a literatura sobre os movimentos sociais, ao mesmo tempo em que os movimentos estudantis se adaptam a novas atuações, nos propomos a abordar os aspectos socioantropológicos a respeito das estratégias empregadas por esse setor em período de isolamento.

A necessidade de aproximação com as bases e o estreitamento do contato com a população sempre foram questões que regem os alicerces dos movimentos sociais. Com esse período atípico que enfrentamos, algumas mudanças foram impostas no uso de estratégias para o alcance dessa necessidade. Partindo dessa questão, o processo de analisar a mobilização e engajamento de movimentos sociais deixam de protagonizar as ruas, os locais públicos e as chamadas presenciais, não se limitando a analisar os sujeitos políticos apenas na relação classe-partido-Estado para agregar e dar visibilidade aos movimentos populares que emergem em outros setores da sociedade, ocorrendo nos bairros, e nas reivindicações por moradia, na realidade



estudantil e agora, na disputa do campo virtual.

O conceito de movimentos sociais, como campo de estudos para as Ciências Sociais, torna-se mecanismo para compreender os indivíduos através das relações sociais que o compõem. Nas disparidades entre os grupos e seus conflitos, se faz importante investigar as razões pelas quais o indivíduos e grupos tentam quebrar as regras normativas de funcionamento das sociedades, ou quando criam movimentos para questionar a legitimidade dessas mesmas regras (GOHN, 2011).

Ao revisitar a trajetória histórica dos movimentos sociais, percebemos que são nas lutas sociais que a contestação é desenvolvida. Segundo Nóbrega (2006), os movimentos sociais atuam como uma mola propulsora de mudanças que regem a sociedade, ao entrarem na arena como um grupo de pressão que, ao promover o estranhamento do código da lei, ao batalhar pelo rompimento do círculo tautológico de que devemos obedecer à lei porque *ela é a lei* (ZIZEK, 1996, p. 318).

## **CIBERESPAÇOS: A INTERNET COMO MEIO DE ORGANIZAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS.**

Historicamente a juventude é o grupo social que marca os processos de enfrentamento das questões que emergem socialmente (POERNER, 2004). A rua, enquanto espaço público de contestação política, constituiu-se como meio fundamental na concretude das grandes mobilizações da juventude brasileira.

Os ciclos dos movimentos estudantis são reorganizados de acordo com as distinções geracionais de cada época, atuando diretamente nas formas de organização, meios de ação e estratégias utilizadas. As manifestações de julho de 2013 no Brasil sinalizaram para importância que a internet está desempenhando na contemporaneidade, principalmente, por ser um novo caminho para participação popular na política dos jovens. Nesse sentido, Castells (2017) afirma que a internet passa por uma transformação deixando de ser um meramente instrumental, e passa a incorporar o cenário político de maneira central, afetando o próprio jogo político.

O *ciberativismo* propõe uma mudança no senso de percepção em relação aos



espaços virtuais, transformando-o em um espaço de luta e resistência. Os canais históricos de luta, como a rua, são reintroduzidos para os espaços virtuais com a emergência de novas estratégias e atores nesses contextos. Inaugurando um momento na história dos movimentos sociais brasileiros atravessados pelos aspectos físico e virtual. Por isso, ciberespaços como meio de organização são marcas fundamentais dos movimentos sociais contemporâneos.

A UNE<sup>1</sup> marca a organização do movimento estudantil com sua criação em 1938 e atua como papel fundamental nas ações de movimentos sociais brasileiros nas lutas históricas em prol da educação. Mais recentemente, em 2019, a entidade encabeçou uma sequência de atos de rua contra algumas medidas do governo Bolsonaro, como o corte orçamentário de 30% nas instituições federais de ensino superior do país, chamada de “Tsunami da Educação”. Essa campanha já contava com o uso das *hashtags*<sup>2</sup> para nomear e chamar atenção para os dias de ação, #15M (15 de maio) #30M (30 de maio) #13A (13 de agosto).

Ainda nesse contexto, com as aulas presenciais suspensas e a carência de acessibilidade a alguns meios virtuais por parte da população menos favorecida de recursos, o Ministério da Educação deu início as inscrições do Enem<sup>3</sup> edição 2020 sem o debate sobre o adiamento da prova. Esse cenário fez com que a UNE aderisse à utilização dos atos virtuais como forma de resistência, dentre elas, a promoção do ato virtual no dia 15 de maio, em menção há um ano do ato de rua #15M realizado nacionalmente.

Com a *hashtag* #AdiaEnem, a UNE convocou outras entidades estudantis e movimentos sociais a participarem de um *twittaço*<sup>4</sup>, o que levou o assunto aos *trending topics*<sup>5</sup> do *Twitter*. Usando como meio de divulgação e mobilização para essa data, a entidade vem se utilizando da rede social *Instagram*, onde as pessoas que aderiram a

<sup>1</sup> União Nacional dos Estudantes.

<sup>2</sup> A *hashtag* é caracterizada pelo símbolo “#” e um termo posterior, o uso dessa ferramenta possibilita que as publicações em redes sociais que usem uma mesma *hashtag* possam ser mais facilmente encontradas.

<sup>3</sup> Exame Nacional do Ensino Médio.

<sup>4</sup> Termo dado às manifestações ocorridas dentro da rede social *Twitter* com a utilização da *hashtags* como marcador do tópico.

<sup>5</sup> Termo em inglês que se refere aos tópicos que estão em tendência no *Twitter*.



esse ato, produziam conteúdo em forma de *posts* em seus perfis virtuais, com fotos pessoais segurando uma plaquinha escrita #AdiaEnem e *cards* de divulgação elaborados pela campanha.

Partindo de dentro de um movimento social que compõe a UNE, com a participação direta na mobilização do ato de rua do #15M em 2019 e agora no ato virtual #AdiaEnem, por meio do movimento Levante Popular da Juventude<sup>6</sup>, atuante no Estado da Paraíba, percebemos as mudanças estratégicas tomadas para que a juventude engajada nesse movimento aderisse ao ato e não se dispersasse.

Na ausência da mobilização presencial, o Levante conseguiu adaptar-se ao campo virtual, utilizando-se de Núcleos de Base<sup>7</sup> intercalados por horários – onde os militantes participavam de acordo com sua disponibilidade de horário – cada um de sua casa, mas conectados via redes sociais de comunicação, unificando sua militância para a participação no ato virtual de 15 de Maio.

Com o #AdiaEnem no topo dos assuntos mais comentados do twitter, o resultado entre os participantes do ato virtual se assemelha às mobilizações de rua, ao perceber que a mobilização surtiu efeitos positivos tendo em vista que o engajamento promoveu uma sensação de participação coletiva, algo chamado pelo movimento de “em casa mas em movimento”. Sensação intensificada com a divulgação da nota do Ministério da Educação, dias após ao ato virtual, decidindo adiar o Enem 2020, atendendo as manifestações da sociedade e do Poder Legislativo.

Partindo de caminhos que compõe em sua base movimentos da Via Camponesa<sup>8</sup>, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Levante carrega em sua poética de luta a disputa de mentes e corações, adotada nesse período de pandemia através do projeto “Articulação de Redes” em conjunto com outros movimentos do mesmo campo. Nóbrega (2006) nos evidencia a luta do MST dentro da arena do discurso “não é mais possível combater os latifúndios da terra sem combater os latifúndios da mídia. Além de ocupar terras improdutivas, é preciso ocupar

---

<sup>6</sup> Movimento social voltado para a luta de massas e organização de juventudes.

<sup>7</sup> Método Josué de Castro de organização de núcleos de participação utilizado pelo Movimento Sem Terra.

<sup>8</sup> Organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações.



sentimentos”.

Dentro do vasto setor dos movimentos sociais, muitos têm recorrido à utilização das *lives*<sup>9</sup>, como ferramenta de promoção de conteúdo. A comunicação através dos eventos presenciais como mesas redondas, debates e palestras, nesse momento é exposta através do campo virtual. O que se percebe agora é que esse campo se torna o principal meio de disputa durante o isolamento social – dentre tantos outros perfis virtuais que se aglomeram em transmissões ao vivo – ele exerce uma centralidade, e não mais apenas uma das variadas ferramentas utilizadas para propagação.

Um fato se mostra evidente: a juventude ao usar as redes para uma posição de crítica às medidas impostas pelo Governo, transforma o *ciberespaço* em um espaço de debate. Segundo Santos e Unger (2017) faz-se a utilização das *hashtags* para denúncia no contexto da atmosfera indireta, que é própria das redes e que também as extrapola, enriquecendo a produção e trocas de saberes realizadas nesses e além deles.

Para Silveira (2013), o *ciberespaço* possibilita que um sujeito conectado, nesse caso, a juventude, conte a própria história. O ambiente virtual faz-se propício para o compartilhamento das narrativas na contemporaneidade, ao questionar-se até que ponto as narrativas de desconforto despertam nas pessoas a necessidade de repensar o mundo, a antropóloga destaca que “a enunciação é um engajamento, no sentido que conecta e extrapola subjetividades, modificando-as, assim” (SILVEIRA, 2013 p. 115).

---

<sup>9</sup> Termo em inglês que significa, no contexto digital, “ao vivo”.



## REFERÊNCIAS

CASTELS, Manuel. **Redes de indignação e de esperança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2017.

FERRAZ, Claudia Pereira. A Etnografia Digital e os Fundamentos da Antropologia para Estudos Qualitativos em Mídias Online. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/index>. Acesso em: 2 fev. 2020.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**. v.16, n.47, mai-ago.2011. Disponível em: [https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172155/movimentos\\_sociais\\_na\\_contemporaneidade.pdf](https://www.mprj.mp.br/documents/20184/172155/movimentos_sociais_na_contemporaneidade.pdf). Acesso em: 2 fev. 2020.

NÓBREGA, Marcia. **Peça pra falar, palco pra ocupar**: encontros entre o MST e o teatro. Monografia defendida no Departamento de Antropologia da UNB. Brasília-DF, 2006. Disponível em: <http://augustoboal.com.br/wp-content/uploads/2017/04/versacc830-final-da-monografia-da-macc81rcia.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2020.

POERNER, Artur J. **O poder Jovem**: história da participação políticas dos estudantes brasileiros. 5. Ed. ilustrada, rev, ampl e atual- Rio de Janeiro: Bookling, 2004.

SANTOS, Claudiene. UNGER, Lynna Gabriella Silva. **Juventude, mobilização e interação na trilha das lutas feministas online**. In: Anais do 13º Mundo de Mulheres & Fazendo Gênero 11: transformações, conexões, deslocamentos. Florianópolis, SC. 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503589143\\_ARQUIVO\\_Deslocamentos\\_artigoFazendoGeneronomodelo\(1\).pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503589143_ARQUIVO_Deslocamentos_artigoFazendoGeneronomodelo(1).pdf). Acesso em: 1 fev. 2020.

SILVEIRA, Natália Alves Cardoso Orlandi. **“Os assuntos que discutimos são a cara da nossa luta”**: um estudo antropológico dos debates feministas em meio às possibilidades de sociabilidade online. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Porto Alegre, RS. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/81403>. Acesso em: 1 fev. 2020.

ZIZEK, Slavoj. **Como Marx inventou o sintoma? Em Um mapa da ideologia / Theodor Adorno...** [et. al.] Org. Slavoj huuZizek. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4591664/mod\\_resource/content/2/Zizek.pdf#:~:text=Marx%20"inventou%20o%20sintoma"%20\(,"direitos%20e%20deveres"%20burgueses](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4591664/mod_resource/content/2/Zizek.pdf#:~:text=Marx%20). Acesso em: 29 jan. 2020.

Recebido em: 31/05/2020

Aceito para publicação em: 15/09/2020

